

Ana Santos

JÁ QUE VOU E VOU

**Projeto de Realização de Cinema
Mestrado em Realização – Cinema e Televisão**

AGOSTO, 2020



Ana Teresa Santos

JÁ QUE VOU E VOU

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Cinema e Audiovisual realizado sob a orientação científica de Nelson Araújo.



[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta(e) Dissertação / Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, de de

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, o Professor Nelson Araújo e ao meu coorientador, o Professor Luís Vieira Campos, por me terem acompanhado e guiado neste projeto, por todo o apoio e tempo dispensado.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam ao longo do meu mestrado graças aos quais consegui adquirir os conhecimentos e competências necessárias a realização deste projeto.

Agradeço a toda a minha equipa, Carolina Sá, Cláudia Marques, Francisco Carvalho, Hernâni dos Santos, Joaquim dos Santos, Paulo Ferreira e Viviana Rodriguez, por me terem apoiado, tornando possível a realização deste projeto.

Agradeço à minha família por todo o auxílio prestado nestes dois anos e pelo seu apoio incondicional, principalmente aos meus queridos pais, inigualável irmão e à minha estimada avó Miquinhas, sem esquecer a companhia incansável e amor incondicional do Mokas, da Nienna e da Mabel.

Agradeço aos meus amigos por terem acreditado em mim desde o início de todo este percurso, especialmente à Viviana Rodriguez por ter partilhado comigo todo o seu conhecimento e experiência.

RESUMO

JÁ QUE VOU E VOU

Ana Teresa Freitas Santos

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio, Redenção, Sociologia, Cinema

RESUMO

A presente memória acompanha o projeto de realização âmbito do Mestrado de Realização – Cinema e Televisão, que acompanha a curta metragem intitulada “Já que vou e vou”, cujo tema principal é o suicídio, pretendendo compreender o que se passa na mente de uma pessoa que toma essa decisão. O tema é contextualizado sendo feita uma sucinta introdução ao tema do suicídio, tendo como fontes artigos científicos e a página oficial da internet da Organização Mundial de Saúde, e apresentando a evolução do estudo do suicídio na sociologia, descrevendo três períodos fundamentais: pré-Durkheim, aquando Durkheim e após Durkheim. É feito um levantamento de filmes que desenvolveram a mesma temática e leva-se a cabo uma contraposição com a curta deste projeto. É também sumarizado o processo de criação da curta-metragem nomeadamente: a pré-produção, produção e pós-produção.

OBJECTIVOS DO TRABALHO DE PROJECTO

Este projeto apresenta quatro objetivos principais. Em primeiro lugar, pretende-se explorar o tema do suicídio. Com este intuito, procura-se informação de forma a elaborar uma breve contextualização sobre o tema, tendo como fontes artigos científicos e a página oficial da internet da Organização Mundial de Saúde. Seguidamente, optou-se por apresentar a evolução do estudo do suicídio na sociologia, área importantíssima que analisa este fenómeno como facto social. Descrevem-se três períodos fundamentais: pré-Durkheim, aquando Durkheim e após Durkheim.

Em segundo lugar, procura-se abordar o suicídio de uma perspetiva cinematográfica. Para o efeito, compilou-se um conjunto de longas-metragens relevantes que desenvolvem o tema do suicídio. Houve uma preocupação de intruzir filmes que foram produzidos em épocas e culturas diferentes, de forma a garantir uma amostra mais diversa e abrangente. Após um resumo dos filmes levantados, leva-se a cabo uma contraposição com a curta-metragem "Já que vou e vou".

Em terceiro lugar, tem-se como finalidade comparar as diversas narrativas criadas no contexto do suicídio, não só entre as várias longas-metragens alvos de análise, mas também entre as mesmas a curta-metragem elaborada para o presente projeto. Evidenciar o trabalho individual e coletivo.

Em quarto lugar, procura-se evidenciar todo o trabalho não só individual, mas também coletivo, imprescindível para a realização de uma curta-metragem desta natureza. Desta forma, existe um esforço para descrever as várias fases da realização da curta, começando com a pré-produção, nomeadamente o processo de escolha do tema, elaboração do guião, seleção e contato com as duas atrizes, gestão do vestuário e repérage. Relativamente à etapa da produção, tem-se como propósito descrever e refletir, com o devido pormenor, sobre os dois dias de gravações, fase na qual sobressai a importância do trabalho coletivo. Finalmente, focando numa vertente mais individual, o último objetivo é descrever a interação entre as múltiplas etapas da pós-produção, incluindo a preparação, preparação, montagem, correção de cor, e, por fim, mas não menos importante, o tratamento de som.

ÍNDICE

Introdução.....	9
Capítulo I: Introdução ao Tema do Suicídio	11
Capítulo II: A evolução do Estudo do Suicídio na Sociologia	14
II. 1. Período pré-Durkheim	14
II. 2. A contribuição de Durkheim	15
II. 3. Perspectivas sociológicas contemporâneas.....	18
Capítulo III: Estado da Arte.....	20
III. 1. Ordinary People (1980) de Robert Redford	20
III. 2. The Virgin Suicides (1999) de Sofia Coppola	23
III. 3. The Bridge (2006) de Eric Steel.....	26
III. 4. Colorful (2010) de Keiichi Hara.....	28
III. 5. Suicide Room (2011) de Jan Komasa	33
III. 6. A Silent Voice (2016) de Naoko Yamada.....	37
Capítulo IV: Pré-Produção	40
IV. 1. Escolha do Tema	40
IV. 2. Elaboração do Guião.....	41
IV. 3. Atrizes	42
IV. 4. Vestuário	43
IV. 5. Repérage	43
Capítulo V: Produção	45
V. 1. Introdução	45
V. 2. Primeiro Dia de Gravações	45
V. 3. Segundo Dia de Gravações	46
Capítulo VI: Pós-Produção	48
VI. 1. Preparação	48

VI. 2. Montagem	48
VI. 3. Correção de Cor	49
VI. 4. Tratamento do Som	50
Conclusão.....	51
Bibliografia	52
Anexo 1 – Guião.....	53
Anexo 2 – Folha de Serviço do dia 1	60
Anexo 3 – Folha de Serviço do dia 2.....	62
Anexo 4 – Cartaz.....	63

INTRODUÇÃO

A presente memória acompanha o projeto de realização elaborado nos últimos meses no âmbito do Mestrado de Realização – Cinema e Televisão. O projeto consiste na realização de uma curta-metragem intitulada “Já que vou e vou”, com cerca de nove minutos de duração, cujo tema principal é o suicídio, ou seja, o ato de causar a própria morte de forma intencional, fenómeno que esteve presente em toda a história da humanidade e que se pode abordar dos mais variados prismas.

Neste seguimento, a curta metragem foca-se no processo que tem lugar na mente de uma pessoa que decide cometer o suicídio. Para tal, recorre-se à personagem principal, Raquel, jovem rapariga que está a atravessar um momento crítico na sua vida e que acaba por olhar para o suicídio como a sua única alternativa. Contudo, esta decisão vai sendo questionada quando Raquel é “visitada” pelo seu subconsciente, representado pela personagem Rapariga.

A realização desta curta-metragem exigiu todo um processo dividido em múltiplas etapas que se pretendem, portanto, descrever por meio desta memória.

Estrutura da memória

Procurou-se estruturar a presente memória de forma apresentar, primeiramente, a teoria que serviu como base do projeto, e, posteriormente, expor de forma cronológica o processo de elaboração da curta-metragem “Já que vou e vou”. Tendo esta finalidade em mente, o capítulo I é dedicado a uma sucinta introdução ao tema do suicídio. Seguidamente, optou-se por apresentar a evolução do estudo do suicídio na sociologia.

Em seguida, após este estágio inicial, o capítulo II destina-se a uma exposição do Estado da Arte. Efetua-se, então, um levantamento de longas-

metragens que desenvolveram a temática do suicídio, levando-se a cabo uma contraposição com a curta-metragem "Já que vou e vou".

No capítulo III, aborda-se a pré-produção, no capítulo IV a fase da produção e no capítulo V a pós produção. As mencionadas fases encontram-se subdivididas nos diversos tópicos já descritos na secção onde se expõem os objetivos do presente projeto.

Finalmente, é obrigatória a apresentação de uma conclusão, na qual se concebe um balanço do caminho percorrido para a obtenção do resultado final, ou seja, da curta-metragem em si, e dos variados conhecimentos que adquiri e cimenteí ao longo deste projeto.

INTRODUÇÃO AO TEMA DO SUICÍDIO ¹

É inegável que as causas individuais do suicídio são analisadas de uma melhor forma por áreas como a psicologia e psiquiatria. No entanto, é relevante refletir acerca da ligação que existe entre a sociedade e o comportamento suicida, pois é evidente que o nosso sistema consegue levar os indivíduos a níveis de depressão que podem resultar no suicídio.

A ideação de suicídio, o termo médico para se referir a pensamentos sobre suicídio que podem chegar à criação de um plano, e o próprio ato suicida, são assuntos cada vez mais presentes na nossa sociedade.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) indica que cerca de um milhão de pessoas cometem suicídio por ano. Além do mais, esta organização refere que por cada suicídio haverá cerca de 20 tentativas.

Nos últimos 50 anos viu-se uma subida de 60% no número de suicídios mundialmente, sendo que esta é a terceira maior causa de morte em jovens entre os 15 e os 35 anos de idade. Segundo vários estudos, a faixa etária que mais sofre de ideação de suicídio é entre os 17 e os 23 anos, indivíduos que regra geral sofrem de elevados níveis de ansiedade, insónias e sintomas depressivos.

Apesar de o grupo masculino possuir uma taxa de suicídio mais alta em todo o mundo, a maior percentagem de tentativas pertence ao grupo feminino, uma vez que os homens tendem a optar por métodos mais violentos, tais como enforcamento, atirarem-se de pontos altos e utilização de armas de fogo. Pelo contrário, as mulheres optam por envenenamento, exsanguinação² e afogamento, métodos com uma menor taxa de mortalidade.

¹ Esta introdução consiste numa síntese realizada com o auxílio de três fontes principais: "Níveis de ideação suicida em jovens adultos", de José Vasconcelos-Raposo *et al*; "Preventing Suicide: a global imperative", World Health Organization, disponível em: https://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/; "O suicídio em Portugal: ocorrências no Domínio Público Marítimo" de José Gouveia e Helena Nogueira

² Ato de tirar o sangue do corpo ou de um órgão.

O estado psicológico de uma pessoa pode mais facilmente deteriorar-se, ao ponto de considerar o suicídio, se se apresentarem os seguintes fatores culturais, genéticos, psicossociais e ambientais:

- Estatuto socioeconómico e nível de educação baixos;
- Perda de emprego;
- Stress social;
- Problemas com o funcionamento da família, relações sociais, e sistemas de apoio;
- Trauma, tal como abuso físico e sexual;
- Perdas pessoais;
- Perturbações mentais tais como depressão, perturbações da personalidade e esquizofrenia;
- Abuso de álcool e de substâncias;
- Sentimentos de baixa autoestima ou de desesperança;
- Questões de orientação sexual;
- Comportamentos idiossincráticos (tais como estilo cognitivo e estrutura de personalidade);
- Pouco discernimento, falta de controlo da impulsividade;
- Comportamentos autodestrutivos;
- Poucas competências para enfrentar problemas;
- Doença física e dor crónica;
- Exposição ao suicídio de outras pessoas;
- Acesso a meios para conseguir fazer-se mal;
- Acontecimentos destrutivos e violentos (tais como guerra ou desastres catastróficos).

Visto tudo isto, o suicídio foi considerado pela Organização Mundial da Saúde como uma prioridade da saúde pública e, apesar de todos os esforços feitos para a sensibilização das populações pelo mundo fora, continua a haver muita incompreensão e desvalorização em relação à situação das pessoas que se debatem com este problema.

A solução para esta epidemia, tem sido, até o momento, facilitar o acesso a profissionais de saúde, independentemente do estatuto social e económico do

indivíduo, levar mais informação às pessoas e a criação de linhas de apoio especializadas. Porém, quando todas estas tentativas falham, o que resta a cada indivíduo que se debate com a ideia suicida é a sua própria capacidade de encarar os seus sentimentos e a sua situação, e, em suma, ser capaz de optar por viver aceitando todas as suas falhas e virtudes.

A EVOLUÇÃO DO ESTUDO DO SUICÍDIO NA SOCIOLOGIA

De acordo com Wray, Colen e Pescosolido (2011) o suicídio, como objeto de investigação sociológica, tem tido uma longa e estranha trajetória. Os autores apresentam, assim, a evolução das perspectivas sociológicas em três principais etapas, centradas na contribuição fundamental da sociologia, a obra "O Suicídio" (2001, [1897]) escrita pelo sociólogo Émile Durkheim³.

Período pré-Durkheim

Do ponto de vista da sociologia do conhecimento, é pouco surpreendente que Durkheim tenha confiado fortemente nos «quadros gerais de referência» e «conhecimento específico e formas de pensamento» (Douglas, 1967,p.13, como citado em Wray *et al*, 2011) contemporâneos entre os intelectuais europeus do final do século XIX, os quais procuravam identificar as forças por trás do aparente aumento das taxas nacionais de suicídio coincidentes com o avanço da modernidade, que se presumia estar a libertar as amarras da sociedade agrária e a proporcionar maiores liberdades ao indivíduo (Wray *et al*, 2011).

Dentre estes pensadores, destacaram-se os chamados estatísticos morais, os quais procuraram estudar através do método indutivo um extenso corpo de estatísticas sobre o suicídio. O que mais impressionou estes estatísticos foi a regularidade e estabilidade das taxas nacionais de suicídio ano após ano, bem como o aumento geral das taxas de suicídio na era moderna. A contrário das visões anteriores que conceptualizavam o suicídio como um fenómeno levado a cabo por

³ Émile Durkheim (1858-1917) foi um cientista social francês que desenvolveu uma metodologia vigorosa, combinando a investigação empírica com a teoria sociológica. É amplamente considerado como o fundador da escola francesa de sociologia. Informação disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Emile-Durkheim>

indivíduos que agiam segundo o seu próprio desespero, os estatísticos morais argumentaram que tais padrões sistemáticos, geográficos e temporais apontavam para forças maiores do que os indivíduos. Segundo estes pensadores, o suicídio era problemático do ponto de vista moral e, portanto, uma explicação persuasiva ou teoria do suicídio teria de procurar descobrir e documentar empiricamente qualquer força ou forças que determinassem e regulassem as taxas de suicídio no mundo moderno (Wray *et al*, 2011). De acordo com Giddens (1965), Durkheim partilhou a maioria destes pressupostos com os seus contemporâneos.

Masaryk (1970) precedeu Durkheim em olhar para as forças de modernização como fonte de explicação para o aumento das taxas de suicídio. Concentrou-se no suicídio como consequência não intencional do aumento dos níveis de educação, argumentando que o abandono das formas tradicionais de pensar e de preferência pelo pensamento racional abriu a possibilidade de o suicídio consistir na solução para problemas individuais.

Por sua vez, Tarde (1903) contrapôs as teorias dos estatísticos morais, ao afirmar que o agrupamento geográfico e temporal dos suicídios também poderia ser causado por vários tipos de comportamento imitativo, o que, juntamente com a inovação, constituía os motores fundamentais de toda a interação social. Desta perspectiva, os seres humanos imitam frequentemente os comportamentos de outras pessoas nos seus ambientes sociais próximos, especialmente quando consideram essas ações significantes, e têm em alta estima aqueles que imitam. Assim, os suicídios num determinado tempo e lugar, podem produzir mais suicídios em cadeia.

A contribuição de Durkheim

Durkheim (2001) definiu o suicídio como sendo «todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado».

Apesar de concordar que a modernidade acabou por ser responsável pelo aumento das taxas de suicídio, Émile Durkheim adotou uma visão mais analítica do que Thomas Masaryk e os estatísticos morais, rejeitando explicitamente a

teoria da imitação de Gabriel de Tarde. Ao invés disso, procurou entender como é que os significados negativos e as emoções eram gerados em indivíduos e grupos durante tempos de mudanças sociais dramáticas e como é que essas mudanças tornaram alguns grupos mais vulneráveis do que outros à autodestruição (Wray *et al*). Como indica Pope (1976), Durkheim forneceu um esquema teórico multifacetado que privilegiava explicações sociais e rejeitou, de forma muito polêmica, outras explicações, tanto populares como científicas, tais como doenças mentais, imitação, clima e temperatura. Wray *et al* (2011) explicam que os esforços de Durkheim resultaram numa tipologia quádrupla do suicídio derivada da intersecção de dois eixos principais, aos quais chamou integração e regulação. Relativamente à integração, visou o sentido de pertença e inclusão social, o amor, o cuidado e a preocupação que pode fluir, ou não, a partir de laços sociais. Grupos bem integrados, argumentou, gozam de laços sociais estáveis, duradouros e coesos. Os indivíduos pertencentes a tais grupos recebem apoio nas suas vidas, particularmente em tempos de crise pessoal, reduzindo assim a sua vulnerabilidade ao suicídio. Assim, a regulação, bem como a integração, são centrais para a sua teoria. O suicídio egoísta, que ocorre quando a integração é baixa, e o suicídio altruísta, que ocorre quando a integração é alta, representam situações em que os cuidados e a preocupação se desviam de um nível moderado. (Pescosolido, 1994). Do mesmo modo, os suicídios anómicos e fatalistas representam o risco crescente que advém de estruturas sociais com sistemas sub-regulamentados ou sobre-regulamentados, respetivamente. Quando e onde as forças de integração e regulação são extremamente baixas ou extremamente altas, mais pessoas se tornam mais vulneráveis ao suicídio. Só quando estas forças são equilibradas, quando o indivíduo se encontra em harmonia com as suas próprias necessidades e as exigências do grupo, é que estas se reduzem. (Wray *et al*, 2011).

Na primeira metade do séc. XX, "O Suicídio" (2001, [1897]) de Durkheim impulsionou, nos EUA, a investigação sobre suicídio. Ao longo da era pós-Durkheim, os sociólogos mantiveram como tema base a integração social, embora esta tenha sido frequentemente chamada por outros nomes. A Escola de Chicago também teve um papel preponderante no estudo do suicídio nos anos 20. Os estudos combinaram dados estatísticos sobre taxas de suicídio com uma observação social da geografia das comunidades e bairros, de forma a avaliar como é que os indivíduos e grupos eram influenciados pelos ambientes urbanos que os rodeavam (Wray *et al*, 2011).

Os estudos ecológicos baseados na comunidade começaram a ficar fora de moda no final dos anos 50. Por conseguinte, três grandes perspetivas sociológicas

sobre o suicídio surgiram nas décadas seguintes. Em primeiro lugar, tirando conclusões da teoria psicanalítica, Henry e Short (1954) apresentaram o seu modelo da "frustração/agressão", colocando a hipótese de que o suicídio e o homicídio são lados opostos de um único fenómeno - a agressão violenta - que só pode ser compreendida tendo em conta as variáveis sociológicas e psicológicas. Aumentos da agressão conduzem a aumentos da violência letal. A violência dirigida para fora contra os outros produz o homicídio; pelo contrário, a violência dirigida para dentro contra o "eu" produz o suicídio. O facto de os indivíduos perceberem os outros ou a si próprios como a fonte da frustração varia previsivelmente dependendo da sua classe e estatuto. Grupos de baixo estatuto culpam os outros e têm baixas taxas de suicídio; grupos de alto estatuto culpam-se a si próprios e têm altas taxas de suicídio.

Embora a teoria da "frustração/agressão" tenha sido retomada por sociólogos e criminologistas, estudos subsequentes produziram resultados incoerentes no que diz respeito à relação entre o estatuto e o suicídio (Wray *et al*, 2011).

Uma década mais tarde, Gibbs e Martin (1964) desenvolveram a sua própria teoria da integração e estatuto, a qual rejeitou a distinção realizada por Durkheim entre integração e regulação. Os autores defendiam que o conflito entre os papéis sociais relacionados com a idade, sexo, ocupação e estado civil constituía o fator determinante no suicídio. Wray *et al* (2011) realçam que a abordagem de Gibbs e Martin (1964) era mais verificável do que os conceitos de Durkheim de integração social e regulação. Embora estes estudiosos tenham encontrado um sólido apoio empírico para a sua teoria, esta abordagem não foi largamente adotada dentro ou fora da disciplina da sociologia.

Douglas (1967), por sua vez, teceu críticas fundamentadas não só a Durkheim, mas também a toda a investigação sociológica sobre o suicídio. Para o mesmo, a perspectiva de Durkheim falhava ao não ter em conta os significados sociais e culturais do suicídio. Além disso, também falhava ao não considerar o suicídio como uma ação social significativa empreendida por indivíduos e ao não atender à variação nas definições de suicídio observáveis entre aqueles encarregues de determinar oficialmente a ocorrência de um suicídio (i.e., médico-legista). A partir deste último ponto, Douglas (1967) desenvolveu um argumento cético sobre a validade e fiabilidade das estatísticas oficiais sobre o suicídio, levando-o a rejeitar completamente as abordagens quantitativas relativamente à investigação do suicídio. O sociólogo argumentou que a sociologia precisava de uma tipologia de «ações suicidas como ações socialmente significativas» (Douglas

1967, p. 255). Nos anos que se seguiram, os sociólogos tenderam a ignorar ou a reconhecer com relutância a importância do "significado" e as questões levantadas por Douglas relativas à falta de fiabilidade das estatísticas. (Wray *et al*, 2011).

Outros sociólogos desta época também questionaram o pensamento de Durkheim tal como Phillips, que, revisitando tarde, sugeriu que a imitação - particularmente a imitação de celebridades suicidas - desempenha um papel mais importante na formação do comportamento suicida do que Durkheim sugeriu. Phillips chamou a este fenómeno "o efeito Werther", depois da história de Goethe sobre o suicídio de um jovem artista que gerou suicídios múltiplos "imitadores". (Wray *et al*, 2011).

Como salientam Wray *et al* (2011), a investigação sociológica pós-Durkheim relativamente ao suicídio é difícil de resumir. Outros sociólogos, tanto nos EUA como em outros países, continuaram a trabalhar com base na influência de Durkheim. Contudo, apesar desta influência, a sociologia entrou numa fase de confusão e incerteza no que diz respeito aos seus cânones.

Perspetivas sociológicas contemporâneas⁴

Na contemporaneidade, Wray *et al* (2011) indicam que o suicídio tem sido abordado das mais diversas formas na sociologia. Um dos temas mais inovadores e promissores que emerge dos recentes esforços empíricos relativos ao suicídio é a ênfase na forma como os mecanismos de estratificação podem interagir quer para promover, quer para prevenir o suicídio. Por exemplo, estes estudos têm-se focado nas disparidades raciais ou étnicas, nas disparidades de género - sendo que uma das mais clássicas sobre o suicídio reside na constatação de que os homens são três a quatro vezes mais propensos a cometer suicídio do que as mulheres - e disparidades religiosas. Ademais, muitas das novas investigações continuaram a basear-se na teoria de Durkheim, colocando a integração social - a

⁴ Dada a complexidade dos estudos sobre o suicídio na época contemporânea, e visto estar fora de o âmbito deste relatório desenvolver este tema exaustivamente, apresentar-se-á um sumário das principais vertentes apontadas por Wray *et al* (2011).

presença de relações estáveis e duradouras - no centro das suas análises. Tem-se também verificado um interesse renovado na influência da cultura e da imitação social no suicídio, com vários autores a desenvolver este tópico.

Em trabalhos recentes, os investigadores sobre o suicídio têm abordado questões metodológicas relacionadas com efeitos de idade, período, e coorte, análise multinível e a construção e utilização de estatísticas oficiais de suicídio. Não é de esquecer que, refletindo os recentes avanços na recolha de dados, na qualidade e nas ferramentas analíticas, os investigadores sobre o suicídio têm vindo a ganhar muito com a proliferação de conjuntos de dados detalhados a vários níveis e estratégias metodológicas análogas. Em suma, a sociologia nos nossos dias, além de ter um carácter multidisciplinar, requer que reavaliemos simultaneamente as ideias de Durkheim e as teorias do seu tempo, de forma a encontrar novas vias de investigação e colaboração para abraçar a complexidade do suicídio. (Wray *et al*, 2011).

ESTADO DA ARTE

Ordinary People (1980) de Robert Redford

Ordinary People é um filme passado nos anos setenta em que a narrativa se foca na família Jarret. Aquando o começo do filme, o filho, Conrad, acaba de regressar a casa do hospital psiquiátrico onde esteve internado após a sua tentativa de suicídio. De volta à sua vida normal Conrad, apesar de ter recuperado fisicamente no hospital, não se encontra bem psicologicamente, o trauma da morte do seu irmão continua igualmente presente, mas tem agora de lidar também com todo o julgamento e estigma que os problemas do foro psicológico acarretam. Na escola ele sente-se desconectado dos seus amigos e o clube de natação já não o motiva, em casa as suas dificuldades de comunicar com os pais aumentam.

Apercebendo-se que filho ainda demonstra algumas dificuldades o pai incentiva-o a ir ao médico recomendado pelo hospital para o acompanhar, o Dr. Berger. Conrad muito reticente marca uma consulta onde ele admite ao médico que ele procura conseguir um maior controlo sobre as suas emoções para deixar o seu pai mais descansado.

Ele encontra-se com uma amiga que conheceu no hospital psiquiátrico, Karen. O encontro é um bocado constrangedor enquanto eles se põem a par da vida um do outro. Trocam algumas gargalhadas e Conrad acaba por lhe perguntar se tem saudades do hospital, desabafando que lá dentro ninguém mentia e a vida era mais simples. Karen garante-lhe que não tem saudades, conta-lhe que tomara a decisão de que só ela poderia ajudar a si própria e lembra-o de que eles agora já não estão no hospital, mas sim na vida real. No final da conversa, Karen parece um bocado baralhada, repetindo coisas que já tinha dito, mas proclama ao Conrad que eles terão o melhor natal e ano das vidas deles.

Conrad põem a mesa enquanto a mãe fala ao telefone, o som das gargalhadas fá-lo pensar em quando o irmão era ainda vivo e o quanto a mãe se

divertia com ele. Vemos depois Conrad a dizer ao médico que ele e a mãe simplesmente não conseguem estabelecer uma ligação.

As coisas parecem estar a melhorar para Conrad, deixou o clube de nataação e conseguiu meter conversa com a rapariga do clube de canto. Tenta ligar a Karen, mas é a mãe que atende e lhe diz que Karen não está em casa, então ele reúne toda a sua coragem e convida Jeannine para um encontro.

Enquanto Conrad e o pai alegremente decoram o pinheiro de natal, a mãe regressa a casa chateada por descobrir que o filho desistiu do clube de nataação sem os avisar. Conrad e Beth, a mãe, entram em conflito e o pai tenta apaziguar. Quando Conrad foge para o quarto, o pai segue-o e é aí que Conrad lhe admite que acha que a mãe o odeia.

Calvin, o pai, decide ir também a uma consulta com o Dr. Berger. De volta a casa ele confronta a esposa sobre o que aconteceu no dia do funeral do filho, quando ela lhe disse para trocar de roupa, não sendo capaz de compreender de como a mulher teve a frieza de se preocupar com isso. No dia seguinte Calvin sugere irem ao Dr. Berger como família. A mulher não gosta da ideia, dizendo que o médico não a conhece e para ele não a tentar mudar.

Os pais de Conrad vão passar férias à casa do irmão de Beth e o Conrad fica com os avós. Já tarde Conrad vai buscar algo para comer à cozinha e decide telefonar à Karen, recebendo a notícia que a Karen cometeu suicídio. Isto desperta um ataque de pânico em Conrad que começa a ter *flashbacks* do acidente em que o irmão dele faleceu. Sai a correr de casa e telefona ao Dr. Berger para lhe pedir ajuda, que lhe diz para se encontrarem no seu gabinete. Lá, Conrad relembra o acidente e começa a falar com o médico como se ele fosse o irmão, revelando que este tempo todo Conrad esteve chateado com irmão e ao mesmo tempo culpando-se pelo que aconteceu. Este é um momento catártico para Conrad. Ele remenda a sua relação com Jeannine e começa, finalmente, a seguir em frente.

Entretanto, uma discussão começa entre os pais acerca de Conrad, Beth e Calvin entram em conflito sobre o modo como os dois lidam com a situação familiar. De novo na sua casa, Beth levanta-se a meio da noite para encontrar o marido a chorar sozinho na sala. O marido confessa que apesar de todas as virtudes da sua esposa ele não acredita que ela o ame a ele e ao filho verdadeiramente, chegando à conclusão que já não sabe se a ama. Com isto Beth faz as malas e vai-se embora.

Conrad acorda com o táxi a sair da entrada da casa e vai ter com o pai que está no quintal. Confuso, pergunta-lhe o que se passou. Quando Conrad se tenta culpar por a mãe ter partido, Calvin diz-lhe para parar de se culpar por tudo pois há coisas na vida que as pessoas não podem controlar. Sentados no quintal eles partilham sentimentos e um abraço.

Relação com o meu projeto

Nesta história, o médico, Dr. Berger, desempenha, de certa forma, a função de espelho de Conrad, refletindo-lhe as ideias e sentimentos enquanto ao mesmo tempo o desafia, forçando-o a enfrentar os seus sentimentos. Conrad rejeita os sentimentos por não querer admitir que guarda ressentimento para com o seu falecido irmão, por este não ter sido forte o suficiente para se agarrar ao barco. Como, racionalmente, Conrad percebe que o irmão não falhou por vontade própria, Conrad sente-se mal por ter essa reação e reprime-se, levando-o ao suicídio. Ao ser forçado pelo professor a enfrentar esses sentimentos, Conrad consegue livrar-se do peso que carregava e impedia de seguir em frente.

Em "Já que Vou e vou" a Rapariga, em certos momentos, adota a mesma função que o médico, espelhando as preocupações de Raquel e obrigando-a a confrontar com a realidade da sua escolha.

The Virgin Suicides (1999) de Sofia Coppola

O filme passa-se nos subúrbios de classe alta americana onde um narrador nos conta a história da família Lisbon, que outrora lá viveu. O narrador era um rapaz do bairro que, em conjunto com os amigos, observou atentamente e inclusive chegou a partilhar momentos desta família. No início do filme é-nos mostrado que a filha mais nova das cinco tentara cometer suicídio cortando os pulsos na banheira, mas que fora encontrada a tempo, tendo sido salva. Quando no hospital o médico lhe pergunta porque se tentou matar já que "(não tem) sequer idade para saber quão má a vida se torna", ela responde "obviamente, doutor, nunca foi uma rapariga de treze anos". Este diálogo indica-nos uma realidade que se mantém até ao final do filme: ninguém compreende a raparigas da família Lisbon.

Numa tentativa de alegrar a sua filha, e a conselho do médico, os pais preparam-lhe uma festa na cave com as irmãs e rapazes do bairro. Cecília passa a festa toda num canto, falando apenas com um dos rapazes. No entanto, quando a sua interação é interrompida, ela pede licença e vai para o quarto. Com a família ainda na festa, Cecilia atira-se da janela, sendo encontrada empalhada na vedação da casa. A morte dela provoca uma cena quase surreal na qual o pai tenta suportar o peso do corpo inanimado, a mãe tenta proteger as filhas daquela imagem e os rapazes, confusos e em choque, vão embora para casa. Apesar disso, o episódio aguça ainda mais o fascínio que os jovens têm pelas misteriosas irmãs Lisbon.

Com o tempo, a família volta lentamente ao normal. O pai regressa ao trabalho como professor e as irmãs, de regresso às aulas, apenas aparentam querer que tudo volte ao normal. Os pais tentam dar mais liberdade às filhas e quando Trip, o rapaz popular da escola, pede ao pai para levar Lux ao baile da escola, este aceita com a condição de ele arranjar par para as restantes filhas. As raparigas ficam contentes com esta nova liberdade e, com entusiasmo, preparam-se para o baile. O mesmo corre bem até que Trip convence Lux a ir para o campo de futebol americano e a ter relações sexuais com ele, deixando-a lá adormecida no campo. Quando Lux acorda, é já de manhã e apanha um táxi sozinha para casa. Depois deste incidente, as irmãs perdem toda a sua liberdade, a mãe retira-

as da escola e prende-as em casa, limitando todo o contacto com o exterior e com pessoas fora da família.

Os rapazes passam uma semana a decidir como entrar em contacto com as raparigas, acabando por contactá-las através de curtas chamadas telefónicas, em que comunicam apenas por meio de músicas. O que é para o grupo de rapazes quase um jogo em que tentam decifrar as irmãs Lisbon, para elas é o único contacto com o exterior e até por vezes um pedido de ajuda.

Após semanas a tentarem comunicar através de chamadas crípticas e código morse com lanternas, os rapazes recebem um convite das irmãs para irem ter com elas, mas quando eles sorrateiramente entram na casa da família Lisbon, encontram Lux a fumar um cigarro na sala e esta diz-lhes para entrar e esperar que as irmãs desçam, enquanto ela vai pôr o carro a trabalhar. Os rapazes, cansados de aguardar, ouvem um barulho proveniente da cave e decidem explorar. Na cave, encontram Bonnie enforcada numa viga. Em pânico, correm escada acima e na cozinha deparam-se com a Mary no chão com a porta do forno aberta. Mais tarde eles vêm a saber que Therese se suicidou com uma overdose de comprimidos e que Lux se asfixiou na garagem com o fumo do carro.

Anos depois o rapaz admite que ele e os amigos nunca chegaram a compreender as irmãs Lisbon.

Relação com o meu projeto

Em *"The Virgin Suicides"* as únicas pessoas que entendiam as cinco irmãs ao ponto de realmente perceber o porquê de terem escolhido acabar com as suas vidas eram elas mesmas. No fim do filme, os rapazes que por eles se fascinaram e devotamente as observaram apesar de todos os seus esforços nunca foram capazes de as compreender e determinar a causa que as levou a tomar a última decisão.

O espectador, ao longo do filme, acompanhando as irmãs Lisbon com atenção, recebe várias pistas para o que é que provoca tal turbulência nas

raparigas. Os seus pais numa tentativa de as protegerem do mundo exterior acabam por as atrofiar e por transformar o local seguro que deveria ser o seu lar numa prisão. Na verdade, estas raparigas que aparentemente têm tudo, são bonitas e inteligentes, têm uma família presente e que se preocupa e que vivem num bairro rico e seguro carecem de algo que tudo ser humano necessita para crescer e viver: liberdade.

Ao mesmo tempo os rapazes, por as idolatram e romantizam em vez de as verem como raparigas normais e individuais, acabam por eles próprios se tornarem parte do problema. Quando as irmãs presas em casa à procura de um contacto com o mundo exterior entram em contacto com eles, em vez de falarem diretamente com elas, eles acabam por comunicar com elas por código, procurando um significado escondido numa simples procura por conexão.

Na minha curta-metragem, o suicídio é um tema implícito e o espectador é convidado a perceber não só o que Raquel, a personagem principal, pretende fazer com a sua "última viagem", ainda que vago é transmitido ao longo da história através de pequenos detalhes, como por exemplo, o papel das coordenadas na mochila. Os eventuais porquês, são deixados em aberto e à imaginação do espectador. Deste modo, o espectador adota, de certa forma, o papel dos rapazes do *The Virgin Suicides*, questionando as razões por trás das ações de Raquel ao longo da curta-metragem, mas sem conhecimento da sua vida fora do contexto da floresta incapazes de compreender realmente o que a levou a tomar tal decisão.

Em ambas as histórias há um inabilidade de compreender as personagens principais, seja por parte do espectador (Já que vou e vou), seja do lado das personagens (*The Virgin Suicides*) em relação ao porquê de as personagens principais tomarem as decisões que tomam, pois enquanto observadores, as circunstâncias de quem comete suicídio muitas vezes, mesmo para quem lhes é mais próximo, nunca estão em pleno alcance.

The Bridge (2006) de Eric Steel

“The Bridge” é um documentário de Eric Steel que conta histórias de alguns indivíduos que cometeram suicídio na Golden Gate Bridge, em 2004, inspirado num artigo publicado na revista “The New Yorker” intitulado “Jumpers”, escrito por Tad Friend.

Onze homens morreram aquando da construção da maior ponte suspensa do mundo, em 1937 – a Golden Gate Bridge. Desde então, estima-se que mais de 1300 indivíduos se atiraram e que apenas 26 sobreviveram, entre os quais um jovem entrevistado neste documentário.

O foco do documentário é a grande quantidade de suicídios que ocorrem todos os anos na Golden Gate Bridge, através de gravações que capturavam, a partir de vários ângulos, os pontos de suicídio mais proeminentes da ponte, e através de entrevistas a membros das famílias de quem saltava, a pessoas que tentaram saltar, a testemunhas dos saltos e ainda a um sobrevivente.

Em 2004, Eric Steel e a sua equipa de gravações posicionaram câmaras para fotografar a ponte de manhã à noite, ao longo de um ano, tendo prestado particular atenção a pessoas que por lá passavam que estavam sozinhas, pensativas, hesitantes ou inquietas, e que por vezes até choravam ou simplesmente ficavam a contemplar. Sempre que alguém da equipa de filmagens reparava numa pessoa que aparentasse ter intenções de saltar, este alertava a patrulha da ponte, e com isto, conseguiram prevenir seis saltos durante aquele ano, segundo Steel

A maioria das pessoas que tomavam a decisão de saltar tinham histórico de doenças mentais, e passavam dias e até anos a contemplar e a planejar, minuciosamente, o que seriam os seus últimos momentos de vida. Uma mulher inclusivamente compara o processo de planeamento do suicídio ao processo de escolha de uma faculdade onde se pretenda ingressar, e partilha ainda que “há muito pensamento racional por trás de um ato que muitas pessoas consideram irracional”.

Relação com o meu projeto

Quando, inicialmente, me lancei à procura de um tema que quisesse explorar no meu projeto final de mestrado deparei-me com um artigo de Tad Friend intitulado "Jumpers" no *The New Yorker*. O artigo conta a história de várias pessoas que se atiraram da ponte *Golden Gate* em São Francisco, alguns que sobreviveram e muitos que não. O que mais me chamou a atenção foi uma frase de um dos poucos que experimentou a queda e viveu para contar: "Apercebi-me instantaneamente que tudo na minha vida que eu pensava ser impossível de reparar era totalmente reparável - exceto ter acabado de saltar".

Naturalmente, achei indispensável ver a longa-metragem documental que teve igual inspiração no artigo de Tad Friend. Entre as várias filmagens que a equipa de Eric Steel produziu, o que mais me captou foi os momentos em que se via os *jumpers* a andar para trás e para a frente, cruzando-se com os turistas que atravessavam a ponte. Um comportamento tão dissonante do ritmo do grupo e tão sugestivo das suas intenções visto da costa e que, contudo, passa despercebido pelas pessoas que fazem a travessia.

As imagens fizeram-me pensar nas pessoas que sobreviveram à queda: no seu estado de espírito, os seus pensamentos enquanto percorriam a distância entre onde tomaram a sua decisão até ao local de onde se atiraram e acima de tudo, a sensação de quando o corpo deles se separou da ponte e caiu durante quatro segundos até alcançar a superfície do rio.

Colorful (2010) de Keiichi Hara

Uma alma rejeitada recebe uma segunda chance ao ocupar a vida de um jovem de 14 anos que se suicidou, Makoto. Um anjo, Purapura, que toma a forma de uma criança, diz-lhe que ele tem seis meses para descobrir qual foi o seu maior pecado na sua vida passada e compreender o que levou Makoto a suicidar-se.

A alma rapidamente percebe que Makoto não gostava da sua família. Ele desdenha o pai por ser renegado no trabalho e por trabalhar demasiadas horas e passar pouco tempo em casa. Ele detesta a sua mãe por esta ter tido um caso amoroso com o seu professor de dança e nunca ter admitido ao seu pai. Com o seu irmão possui uma relação de distância e indiferença, pois considera que este desistiu dele e não tem interesse nele por ele ser um renegado na escola e temperamental.

Há também a questão de Makoto ter descoberto que a rapariga de quem ele gosta e com quem passa mais tempo, Hiroka, se prostitui com homens mais velhos, não para preencher as suas necessidades básicas, como comer ou pagar habitação, mas simplesmente para gastar o dinheiro em coisas banais e fúteis, tais como bolsas e roupa.

Na escola, Makoto não tem amigos, mesmo no clube de arte do qual é membro. Shoko, uma rapariga estranha, colega de turma e do clube, que adora os seus quadros, apercebe-se da sua mudança de atitude e tenta descobrir a sua causa, o que leva Makoto, com receio, a começar a evitá-la.

Um dia, Makoto é assaltado e agredido por delinquentes, ao ponto de desmaiar e acordar em casa após o seu irmão o ter encontrado. É Shoko que o visita e lhe leva os trabalhos de casa para acompanhar as aulas, mas ele, agindo de maneira ofensiva, atira-a para a sua cama e coloca-se em cima dela, afugentando-a. Imediatamente depois disto, Makoto é novamente visitado por Purapura, que o relembra de que desta vez ele não voltará a ter mais nenhuma chance depois de acabarem os seis meses.

Apesar de todas as suas dificuldades, ele acaba por formar uma amizade com Saotome, um colega fascinado por comboios antigos, num encontro ocasional que tiveram numa estação de comboios. Após uma tarde passada a passearem pela cidade, em que Saotome partilha com Makoto a sua paixão por comboios e linhas

ferroviárias, eles acabaram por se conhecer melhor, e a certo ponto Saotome diz a Makoto que mesmo que muitas coisas más aconteçam, se se viver no momento, vai ficar tudo bem, o que faz Makoto sorrir e ganhar uma nova perspectiva do seu novo amigo.

No dia seguinte, Makoto regressa à escola e partilha com o espectador que está grato por simplesmente ter agora alguém com quem andar. Depois das aulas, ele e Saotome andam juntos de bicicleta pela cidade e vão a uma loja de calçado que Saotome tinha recomendado com o objetivo de Makoto comprar um par novo para substituir o que lhe tinham roubado aquando do assalto que sofreu. Enquanto lancham, Saotome partilha com Makoto as ambições para o seu futuro académico e as dificuldades que terá em entrar na escola que quer. Makoto diz que se calhar também vai tentar entrar na escola dele, e ambos decidem estudarem juntos para se motivarem mutuamente e tentarem entrar nela. Os amigos passam o resto do dia juntos, começam logo a estudar, e mesmo após regressar a casa, Makoto foca-se nos estudos. Purapura aparece no quarto dele e questiona-o em relação à sua decisão, lembrando-o que Makoto nem sequer estará lá para entrar na escola com o seu novo amigo, mas ele acaba por ignorá-lo e voltar a concentrar-se na sua tarefa.

A cena seguinte mostra-nos Makoto no carro com o pai, que tinha perguntado a Makoto se queria ir pescar com ele, mas que mesmo que não quisesse poderia ir fazer os seus desenhos para a zona do rio. Depois de chegarem ao local e Makoto começar a desenhar uma paisagem, o pai pergunta-lhe se lhe podia fazer um retrato, ao que Makoto responde que ele não gosta de desenhar pessoas, porque as odeia, ao que o pai responde que também as odeia, resposta que desperta a atenção de Makoto. Os dois vão almoçar, fazendo um piquenique na zona do rio. O pai abre-se com Makoto, falando um pouco da sua mãe, e acabando por dizer que o facto de ele estar vivo é algo pelo qual ambos estão genuinamente gratos. Na viagem de regresso do rio, ouvimos os pensamentos de Makoto, refletindo no quão bem os pais dele o tratam, e lamentando o facto de eles terem inevitavelmente de lidar com a morte do filho quando a sua alma sair daquele corpo.

De volta à escola, Makoto encontra Hiroka, a rapariga por quem se tinha apaixonado, sozinha na sala do clube de pintura a olhar para um quadro que ele tinha feito. Ele oferece-lhe o quadro, e ela abre-se em relação à maneira como ela se vê, como um Ser Humano estranho, maluco, que gosta de coisas bonitas, mas que tem tendência em arruiná-las, e que pensa, por vezes, em acabar com a própria vida. Ele fá-la ver que todas as pessoas possuem várias cores, ou seja, lados maus

e bons, e que ela simplesmente tem de encontrar a perspectiva através da qual ela consiga mostrar as suas cores mais belas e vê-las também nas outras pessoas. Hiroka então, com um sorriso, garante-lhe que nunca iria pôr fim à própria vida.

Em casa, à mesa de jantar com a família, os pais de Makoto dizem-lhe que o irmão encontrou uma escola de artes ideal para ele, onde iria poder aprender o que realmente gosta e desenvolver as suas capacidades. Ele hesita dizendo que mesmo assim se sente mais inclinado para ir para a escola que planeava ir com Saotome. O irmão não reage bem, mas Makoto diz o quão feliz ele está em estudar juntamente com o seu novo e único amigo, e a família, conseqüentemente, entende o seu lado.

No dia seguinte, na escola, Makoto vai ter com Shoko e pede-lhe desculpa pela atitude que teve quando ela o foi visitar a casa. Ela aceita as desculpas, acabando por também se abrir um bocado com ele.

De seguida, Makoto sobe ao telhado da escola e encontra Purapura, dizendo-lhe que já sabe que pecado é que ele cometeu na sua vida passada: ele matou alguém, e esse alguém era ele próprio – Makoto Kobayashi. É-nos mostrado num *flashback* partes da vida dele antes de se suicidar, e todas as interações e momentos negativos que o foram mandando abaixo, com a sua família e pessoas na escola. Vemos Makoto a abrir os olhos, e Purapura diz-lhe que completou o desafio, que na verdade era um período de teste para determinar se almas que abandonaram as suas vidas espontaneamente, como ele, merecem voltar a viver. Makoto conclui, então, que está grato pelas pessoas que o rodeiam e pela vida que tem, e que se arrepende daquilo que fez. Purapura diz-lhe para continuar então a viver a sua vida da melhor maneira – cheia de cor – e que não se esqueça que ele é um apoio para os outros tanto como os outros são um apoio para ele.

O anjo revela que ele próprio era uma alma como ele era, mas que não tinha conseguido passar o teste, e que até sentia um pouco de inveja de Makoto. Este pede-lhe para ficar do lado dele por mais tempo, mas Purapura diz que tem de ir embora e apagar as memórias que ele tem de todas as interações que tiveram até então, e assim o faz.

Relação com o meu projeto

No final do filme o público descobre que, desde o início, a alma no corpo de Makoto era realmente o próprio Makoto. Tendo em conta que Makoto não tem esse conhecimento, a personagem principal da história partilha uma visão mais indiferente, imparcial e realista das suas circunstâncias, simulando de certa maneira o ponto de vista do espectador. Ao criar esta separação conseguimos ver a personalidade de Makoto na sua forma mais pura, sem o peso e a influência das suas memórias e, portanto, também das suas experiências passadas e dos seus preconceitos.

Esse cenário leva a uma alteração na sua atitude e comportamento, a forma como ele reage quando enfrentado pelas inúmeras adversidades é agora mais racional. Os medos, antes uma presença constante no seu raciocínio, deixam de ser um impedimento, permitindo-lhe adotar uma conduta mais pró-ativa relativamente às suas circunstâncias. Isso vem para realçar o quanto os problemas psicológicos, como a depressão e a ideação suicida, deturpam e distorcem a realidade na mente do sujeito que sofre desses problemas. Não obstante, a sua missão de descobrir o que levou Makoto a suicidar-se, força-o a tentar compreender a sua situação anterior e os sentimentos que o impossibilitaram de se aperceber de todos os privilégios e regalias de que usufruía.

No caso de Makoto, apesar de ser as escolhas das pessoas à sua volta o que catalisa os seus distúrbios, o que o leva ao limite acaba por ser uma dificuldade pessoal de aceitar os erros e imperfeições dos outros. A incapacidade de aceitar e reconhecer a falibilidade humana acaba por causar nele o descontentamento com a sua vida. Com a sua nova posição de distância, Makoto consegue, em momentos de introspeção, perceber as falhas em si mesmo, tornando-o mais humilde e mais tolerante com os outros. Com isso ele aprende, finalmente, a aceitar a imperfeição do ser humano e a valorizar as suas diversas virtudes.

As pessoas na vida de Makoto preocupam-se. A sua família quer o melhor para ele, sacrifica-se e esforça-se para o ajudar e tornar a sua vida melhor. O amigo ajuda-o e tenta incentivá-lo a melhorar, quando Makoto duvida de si próprio, Saotome encoraja-o e coloca a sua fé nele. Shoko e Hiroka interessam-se por ele e pela sua arte. É graças as pessoas com quem ele se conecta que ele consegue concluir a sua missão e reaver a sua vida.

Sala Samobójców (2011) de Jan Komasa

Sala Samobójców (Sala do Suicídio em português) começa por estabelecer a personagem principal, Dominik, como um adolescente feliz. Dominik é popular na escola, estuda numa escola privada e é um tanto mimado pelos pais abastados.

Numa noite com os amigos, ele beija um rapaz seu amigo, sendo que o beijo é filmado e partilhado nas redes sociais. Dominik é gozado pelo seu entusiasmo. Uns dias mais tarde, durante um *randori*⁵ no treino de judo, o rapaz excita-se e acaba por ejacular. Esta ocorrência é também partilhada online, tornando Dominik alvo de chacota da escola inteira.

Entretanto, Dominik é convidado a juntar-se a uma rede social 3D por ter deixado um comentário num vídeo que consistia em alguém a cortar os próprios pulsos. Numa das salas dessa rede, a "Sala do Suicídio", os membros vêem filmes de pessoas a cometerem o suicídio e têm um pacto em que eles próprios se vão suicidar. Ali, ele conhece Sylvia, uma rapariga com tendências suicidas e que pratica automutilação, com quem acaba por desenvolver uma relação cada vez mais próxima. Com os problemas que tem na escola, Dominik encontra refúgio com Sylvia e o seu grupo, acabando por faltar às aulas para poder passar mais tempo com eles. Os pais, focados no trabalho, passam pouco tempo em casa e acabam por não se aperceber da situação.

Numa ida à opera com a família, os pais de Dominik tentam juntá-lo com a filha de uma outra família amiga. Dominik reage mal, insistindo que é homossexual e começando a beijar um busto na entrada. Os seus pais, chateados e envergonhados com o comportamento dele, forçam-no a voltar a frequentar a escola. De volta a casa, ele vê um vídeo a circular nas redes sociais de dois fantoches, com os nomes dele e do amigo que ele beijou, a envolverem-se em diversos atos homossexuais. O vídeo leva Dominik às lágrimas e a destruir o seu quarto.

⁵ Randori é uma luta de treinamento no judo, que não vale nenhum ponto no qual você apenas treina com a pessoa.

Dominik vai à escola, mas após um pequeno confronto com os seus colegas, outrora amigos, volta para casa e passa os seguintes dez dias fechado no quarto, recusando-se a comer e apenas falando com a Sylvia. A relação deles, ao desenvolver-se, torna-se gradualmente mais tóxica. Dominik é facilmente manipulado por Sylvia e esta por várias vezes tenta virá-lo contra a sociedade e contra os seus pais. Sylvia conta a história de um casal que se suicida por overdose de comprimidos e convence Dominik a enganar o psicólogo para obter os comprimidos, dizendo-lhe que é dessa forma que ela pretende acabar com a vida.

Graças às indicações de Sylvia, Dominik consegue manipular o médico e obter a medicação. Enquanto Dominik e Sylvia combinam onde se encontrar para passar os comprimidos, o pai desliga a internet antes de eles conseguirem solidificar os planos. Dominik perde a cabeça e entra em pânico. Passa de ameaçar os pais de morte a implorar que a mãe o ajude. A mãe tenta voltar a ligar a *internet*, mas o pai impede-a.

Finalmente, Dominik acaba por colapsar no chão em frente aos pais. Ao acordar, explica-lhes o que é a "Sala do Suicídio", o quão importantes são para ele os outros membros e pede-lhes para o deixarem pelo menos explicar-lhes que ele não vai poder voltar à "Sala". No entanto, os pais não o deixam, acreditando que é benéfico para o filho cortar contacto com os membros.

Dominik não consegue parar de pensar em Sylvia. Então, leva os comprimidos ao bar de que eles tinham falado. No bar, como o *bartender* força-o a consumir alguma coisa, ele pede uma cerveja grande. Depois de beber, pensa em deitar os comprimidos pela sanita abaixo, mas ao invés, acaba por tomar um punhado deles, e morre de overdose.

Algum tempo depois, os amigos da "Sala do Suicídio" questionam-se acerca da sua ausência prolongada e decidem adiar os planos de se suicidarem. O avatar de Dominik aparece controlado pela sua mãe, que após muita consideração decidiu que eles deveriam de saber que Dominik morreu. Com esta informação, os membros, sem nada dizerem, vão deixando um a um a "Sala". Vemos então Sylvia a arrancar o cabo de *internet* do computador. A hiperventilar, sai a correr do quarto e de casa. Depois de 3 anos sem sair de casa, ela corre para o parque, e, sentada na relva, chora a morte de Dominik.

Relação com o meu projeto

No início do filme é nos apresentado Dominik como um rapaz feliz e saudável, criando assim uma base de referência do seu estado mental, na sua condição normal e equilibrada. Essa normalidade é nos exibida para que o espectador possa experienciar a decadência da saúde psicológica de Dominik.

Dominik vive rodeado de pessoas que, aparentemente, não têm problemas. No caso dos pais da personagem principal é subentendido que a relação, apesar de funcional, não é feliz. Há uma maior dedicação aos respectivos empregos do que ao companheiro e filho, e uma fraca comunicação entre o casal. Vemos isso, por exemplo, quando os dois pais vão para fora vários dias em viagens de trabalho distintas e Dominik fica em casa sozinho, apenas com a ocasional companhia da empregada, que lhe prepara a comida e limpa. Dominik recusa-se durante vários dias a comer e ir à escola, e só quando a funcionária comunica a situação aos pais, preocupada, é que estes regressam finalmente a casa. Contudo, o importante neste tópico é que Dominik não assimila que os outros membros da família e colegas de escola têm problemas.

Em consequência de ter sofrido bullying por parte dos colegas e amigos devido à sua orientação sexual, pela ausência de compreensão e acompanhamento por parte dos pais quando os problemas se começaram a revelar e por ter dificuldade em comunicar os seus problemas ou de sozinho apaziguar o conflito inicial, ele sente-se isolado na sua comunidade e que apenas ele combate problemas do foro psicológico. São estes diferentes fatores que levam Dominik, como é muito comum em casos de cariz semelhante, a encontrar consolo na companhia dos restantes membros da "Sala do Suicídio".

Estas são pessoas que, não só são abertas em relação aos seus problemas, como são honestas para com as suas ideias. Juntas criam um ambiente que desmistifica as dificuldades que Dominik enfrenta, enquanto, por outro lado, o afastam das pessoas próximas que o poderiam ajudar. Sylvia, principalmente, acaba por ser uma má influência. Ela romantiza a imagem da jovem perturbada, distinta das demais, rebelde e irreverente e, com isso, a morte por suicídio. Quando Sylvia pede a Dominik que este engane o médico e obtenha os comprimidos para finalizar o seu plano de duplo suicídio, Dominik cumpre, mas tenda dissuadi-la

demonstrando que a este ponto o que o leva a considerar o suicídio é, principalmente, a vontade de pertencer ao grupo e agradar Sylvia.

Enquanto, no filme que falamos anteriormente, Makoto encontra um local de refúgio positivo e amigos que ajudam e elevam, Dominik encontra um local negativo e companhia que, inconscientemente, cria um ambiente tóxico e influencia a tomar decisões negativas para o seu bem-estar. Por conseguinte, Raquel encontra um local neutro.

A Silent Voice (2016) de Naoko Yamada

“A Silent Voice” começa com Ishida Shoya durante as suas preparações para se suicidar. Ele despede-se do seu trabalho part-time e vende as suas posses tais como a secretária, cama e livros, de forma a juntar dinheiro para deixar para a sua mãe. Ele tem uma lista de coisas que quer organizar e concluir antes de terminar com a sua vida.

Quando novo, Shoya era popular e engraçado e tinha o seu grupo de amigos na escola. Uma nova aluna, muda e que comunica apenas escrevendo num caderno, é introduzida na sua turma. Devido à sua falta de sensibilidade e por incentivo dos amigos, Shoya começa a gozar com ela, brincadeira que é recebida com gargalhas por parte dos outros alunos. O que começa como pequenas brincadeiras, gradualmente evolui para *bullying*. Shoya estraga-lhe os aparelhos auditivos e os cadernos. Quando a mãe de Shoko, a rapariga muda, se queixa na escola, o diretor vai à sala averiguar a situação. O professor, até ali indiferente e passivo, apesar de ter conhecimento da situação acusa Shoya à frente de toda a turma e do diretor. Quando Shoya se tenta defender, dizendo que os outros também estavam envolvidos e que não tinha sido só ele, todos os outros alunos fingem inocência, dizendo que eles apenas não entreviram e que nunca o apoiaram.

A partir daquele momento, ele é ostracizado por toda a turma e vira ele próprio vítima de *bullying* por parte dos restantes colegas. Já no secundário, Shoya é um renegado na escola e não tem amigos. Devido aos traumas do seu passado, ele é incapaz de se aproximar das pessoas. Com o tempo ele vai-se apercebendo do quão erradas foram as suas ações e sente-se uma pessoa horrível, chegando à conclusão de que o mundo estaria melhor sem ele. Uma das coisas que ele decide fazer antes de se matar é devolver um dos cadernos que tinha roubado a Shoko. Quando lhe pergunta, por impulso, se ela quer ser amiga dele, a ideia do suicídio é esquecida. No dia seguinte, confrontado pela mãe, ele promete não se matar. Ao longo do filme a relação dele com Shoko vai evoluindo, mas o passado vai voltando conforme ele se reencontra com os seus antigos colegas que trazem com eles antigos conflitos.

Com tudo isto a situação para Shoko vai piorando, e ela própria sente que as pessoas à sua volta estariam melhor sem ela. Durante um festival de verão, ela

separa-se da família e de Shoya, alegando que vai para casa. Empoleira-se na berma da varanda e atira-se. Shoya, que tinha ido a casa buscar a câmara fotográfica, apercebe-se e consegue apanhá-la, puxando-a para segurança. Contudo, ele cai para o rio em baixo e fica em coma. Shoko arrepende-se e, enquanto Shoya recupera, tenta remendar todas as relações que Shoya quebrou. Quando Shoya acorda e se encontra com Shoko, pede-lhe desculpa pela forma que a tratou e pede-lhe que ela não se culpe mais pelo que aconteceu. Confessa que apesar de ele ter considerado o suicídio no passado, entretanto tinha esquecido a ideia. Finalmente, pede-lhe que Shoko o ajude a viver.

Depois de recuperar, Shoya regressa à escola durante o festival, reencontra-se com os amigos e apercebe-se do quanto eles se preocupam. Ele olha à sua volta e é novamente capaz de realmente ver as pessoas à sua volta.

Relação com o meu projeto

Em *The Silent Voice* as duas personagens principais vivem com uma culpa enorme dentro de si. Enquanto a culpa de Shoya deriva das duas ações em criança, a de Shoko deriva do facto de ela se considerar um peso para as pessoas à sua volta, devido à sua deficiência.

Quando Shoya decide pôr término à sua vida, o reencontro com Shoko e o começo de uma amizade com ela fá-lo mudar de ideias. Acontece que Shoya, devido aos seus traumas do passado, tem uma grande dificuldade em relacionar-se com as pessoas, embora seja precisamente isso de que ele precisa. Só quando ele se abre às pessoas à sua volta é que ele se consegue perdoar e ultrapassar os seus traumas. Shoya, ao contrário de Raquel, depois de se perdoar e redimir dos erros do passado, acaba por encontrar consolo na sociedade e nos amigos, abrindo-se ao mundo em seu redor.

Já Shoko, que desde pequena se sentiu um peso para a sua família e todos à sua volta, apesar de já ter um precedente de ideação suicida, foi ao abranger o seu contacto com pessoas da sua faixa etária e mais especificamente ao envolver-se com Shoya e consequentemente com os seus antigos colegas de turma que a sua situação começa a piorar. Depois de tantos anos, Shoko ainda se sente responsável pela situação de Shoya, por ele ter perdido os amigos e por ele ter

sofrido de *bullying*. Quando ele se distancia dos colegas novamente, Shoko interpreta a incapacidade de Shoya de se perdoar e de se abrir com os seus pares como um problema que ela causou, cimentando nela a ideia que de que apenas traz conflitos e dificuldades às pessoas que lhe são queridas, levando então a retirar-se voluntariamente das suas vidas e tentar por término à sua vida.

O que as duas personagens acabam por perceber no final é que, através das nossas ações, também podemos empurrar involuntariamente as outras pessoas para situações infelizes. Shoya priorizava Shoko, colocando-a acima de si próprio. Embora o tenha feito com boas intenções e na procura de reparar os estragos que tinha causado anteriormente, acabou por revigorar o problema de Shoko impulsionando Shoko a tomar a sua decisão.

A saúde mental é algo frágil, instável e muitas vezes imprevisível e que afeta não só a nossa própria pessoa, mas também as que coexistem connosco, sendo assim nossa responsabilidade, tanto para connosco como para os outros, de trabalhar na saúde mental em todas as suas dimensões. Apesar de eu no meu projeto ter tomado a decisão de isolar Raquel para me focar na exposição do conflito interno e individual da personagem, o contexto social mantém-se inescapável, pois este é intrínseco ao pensamento e conflito interno de Raquel.

PRÉ-PRODUÇÃO

Escolha do tema

Ao realizar as minhas pesquisas para a escolha do tema deste projeto deparei-me com uma notícia que se debruçava sobre a tentativa de suicídio de um indivíduo na Golden Gate Bridge, em São Francisco, local aliás conhecido por ser palco de inúmeros suicídios e tentativas de suicídio. A notícia chamou a minha atenção uma vez que, supostamente, o indivíduo em questão arrependeu-se logo de ter tentado o suicídio.

Comecei a refletir sobre o assunto e sobre as razões que poderiam levar uma pessoa a ponderar acabar com a sua própria vida. Ao mesmo tempo, o caso deste indivíduo foi um exemplo nítido de como, na verdade, as pessoas não possuem como derradeiro objetivo acabar com a sua vida, mas sim acabar com uma dor avassaladora.

Apesar do suicídio não ser um fenómeno recente, na atualidade, graças aos avanços que se têm verificado ao nível da saúde mental, é um fenómeno abordado de uma forma mais séria na nossa sociedade. Não obstante estes progressos, tenho a perceção de que suicídio ainda continua a ser um assunto tabu, não apenas na sociedade onde me insiro, mas por todo o mundo. Não é de esquecer que o suicídio é assunto “proibido” nos meios de comunicação, de forma a evitar que o fenómeno seja replicado. Além do mais, arriscar-me-ia a dizer que, das vezes que se ouve falar sobre suicídio, é de uma forma relativamente superficial tendo em conta a sua gravidade.

Após estas reflexões, concluí que através do meu trabalho poderia contribuir para refletir sobre este complexo fenómeno.

Elaboração do Guião

O suicídio é uma temática que se pode abordar dos mais variados prismas. No seguimento da notícia que inspirou a escolha do tema, é de conhecimento comum que muitas pessoas que tentam o suicídio, mas que sobrevivem, contam que durante os momentos da “queda” (literal ou metafórica) vêem a sua vida passar perante os seus olhos e arrependem-se do que estão a tentar fazer. Ou seja, é muito claro que toda uma miríade de pensamentos convulsos se passa na cabeça de alguém nesta situação. Estava claro para mim que o meu trabalho se iria focar nesta premissa.

Considerarei que a melhor forma ao meu alcance de passar a minha mensagem seria através do diálogo interior de uma personagem. Escolhi para o efeito uma rapariga jovem, da minha faixa etária, por melhor me identificar com a mesma, o que me ajudaria claramente a “entrar” na história. Além do mais, o suicídio entre os jovens parece ser um fenómeno cada vez mais comum. Desta forma, além de utilizar uma personagem com que me identificasse mais, acabaria por criar uma estreita ligação com um fenómeno atual.

Sendo assim, a personagem principal, à qual decidi chamar Raquel, está a passar por um momento tão convulso na sua vida que acaba por ver o suicídio como a única opção. No momento em que ela sai do carro para se dirigir ao monte ela já tinha tomado esta decisão. Porém, esta decisão vai sendo questionada ao longo do seu percurso até o cimo do monte, local onde ela pretende acabar com a sua vida.

Neste percurso ascendente, num monte isolado, longe de todas as pressões da sociedade que contribuíram para a sua decisão fatídica, Raquel é “visitada” pelo seu subconsciente. Nesta etapa, seria necessário determinar como é que este subconsciente da Raquel seria representado. Acabei por decidir utilizar a figura de uma outra “rapariga”, da mesma faixa etária de Raquel, e com características físicas semelhantes, para personificar este subconsciente. A razão foi simples: ao representar o subconsciente como um “espelho” da própria Raquel, ela só se aperceberia muito gradualmente que estava a estabelecer um diálogo com ela própria.

Outra questão a resolver seria como mostrar as intenções suicidas da Raquel. Para tal, decidi apresentar um conjunto de indícios que levariam o

espetador a concluir que Raquel pretendia, após aquela viagem ao monte, não voltar mais para a sociedade. Por exemplo, logo no início é possível visualizar na chapeleira do carro um papel com as coordenadas do local onde iriam ficar os seus pertences depois dela se atirar do topo do monte. Outros exemplos são o caderno que ela deixa para “quem tiver interesse” e o papel preso à mochila de Raquel a dizer a quem esta pertence.

Ao longo da viagem monte acima, a Rapariga, ou seja, o subconsciente de Raquel, aparece em diversas ocasiões. Tomam lugar vários diálogos entre as suas personagens. A Rapariga, através das suas falas, representa as pressões daquela sociedade que Raquel acaba de deixar, tudo aquilo que Raquel queria ser e que não é (e que acha que nunca será). Aliás, fisicamente a Rapariga, apesar de parecida a Raquel, representa uma versão melhorada da mesma. Pretendo demonstrar, adicionalmente, que este mesmo subconsciente que leva Raquel a querer acabar com a sua vida, o mesmo subconsciente que domina os seus pensamentos e que ela simultaneamente repudia, é o mesmo subconsciente que tenta uma última vez fazê-la agarrar-se à vida.

É precisamente esta dualidade que pretendo demonstrar com este trabalho. A mente de Raquel, como qualquer mente humana, é dotada de complexidades, de paradoxos, de ambiguidades. No entanto, a mente de Raquel está a ser levada ao limite, o paradoxo de pensamentos encontra-se no seu auge. Mas o final da história de Raquel é deliberadamente ambíguo. A jovem, no cimo do monte, perscruta as suas duas opções: ficar ou partir. Por conseguinte, nunca foi o meu objetivo mostrar se Raquel comete ou não o suicídio, mas sim apresentar os dilemas que perpassam a mente de uma pessoa que se encontra numa situação como esta.

Atrizes

Como requisitos, as atrizes que interpretariam a Raquel e a Rapariga deveriam ser, como já foi descrito, fisicamente parecidas e da mesma faixa etária. Isto por si só já seria um desafio, uma vez que não haveria possibilidade de contratar atrizes profissionais. Em adição, devido à situação causada pelo Covid 19, a tarefa tornou-se ainda mais complicada. No entanto, o problema acabou por ser

solucionado ao estabelecer contacto com duas colegas com semelhanças físicas e da mesma idade que aceitaram o desafio. Apesar de não serem atrizes profissionais, ambas encararam o desafio com seriedade e conseguiram, dentro do possível, representar as personagens com certa exatidão, tendo também em conta que não houve tempo para ensaiar previamente.

Vestuário

No que diz respeito ao vestuário das duas personagens, determinei que a Raquel deveria vestir uma roupa confortável, em tons acinzentados e neutros, de forma a contrastar com as cores da natureza e melhor representar o seu estado de espírito permeado pela tristeza e ambiguidade. Por outro lado, as roupas da Rapariga seriam de tons mais claros, mais alegres e floridas de modo a contrastar com as roupas de Raquel.

Repérage

Encontrar o local ideal para as filmagens não representou, felizmente, uma questão problemática, uma vez que relativamente perto do local onde residio localiza-se o Monte de São Silvestre, um local que além de ser perto da minha residência, o que facilitaria as deslocações, encontra-se o suficientemente afastado da população. Sendo que apenas a cena 1 seria gravada no monte de Santa Luzia. Antes das filmagens desloquei-me até os lugares das filmagens para verificar se os mesmos se encontravam nas devidas condições. Não houve surpresas e encontravam-se sensivelmente no mesmo estado, apesar da vegetação ter crescido ligeiramente, não sendo o suficiente para prejudicar as filmagens.

É de realçar que a ideia inicial seria levar a cabo as filmagens durante o mês de março, altura em que o tempo é menos solarengo e menos quente (o que estaria

mais de acordo com a atmosfera da história). Contudo, mais uma vez devido à pandemia, as filmagens tiveram de ser adiadas para o final do mês de julho, mais precisamente nos dias 19 e 20, altura em que consegui requisitar o material para as filmagens e obter a disponibilidade de toda a equipa.

Estava consciente que esta seria uma época de maior calor e a probabilidade de estar sol seria muito mais elevada, o que não seria o ideal para a atmosfera da história. Segundo as previsões meteorológicas, iria de facto estar sol nos dias agendados para as filmagens. Embora o cenário não parecesse o mais idóneo, decidiu-se manter o agendamento das filmagens, uma vez que já não havia opção, e contando que esta problemática relativamente ao clima poderia ser atenuada por meio da edição.

Finalmente, de forma a cumprir os requisitos necessários nas filmagens, preencheu-se cuidadosamente as folhas de serviço que se encontram em anexo. Esta fase foi primordial para verificar se tudo se encontrava na devida ordem e evitar constrangimentos aquando das filmagens. Contudo, mantive sempre em mente que teria de ter alguma flexibilidade e margem de manobra, dado que incidentes e atrasos poderiam ser inevitáveis, para além do horário das atrizes se revelar um pouco incerto.

PRODUÇÃO

Introdução

Na sua totalidade, as gravações duraram um dia inteiro (dia 19 de julho) e uma tarde e noite (dia 20 de julho). Relativamente à preparação para as filmagens, a mesma ocorreu da seguinte forma: na sexta-feira (dia 17 de julho), desloquei-me até à faculdade para levantar o material necessário para as gravações. Verifiquei se o material se encontrava na sua totalidade e nas devidas condições. Estando tudo em conformidade, regresssei no dia seguinte à minha residência em Viana do Castelo.

Sendo assim, dediquei o sábado (dia 18 de julho) às múltiplas preparações, nomeadamente: organizar a minha casa para receber os membros da equipa que iriam pernoitar, delinear e preparar as refeições para a equipa, providenciar abastecimento de água, protetor solar e repelente de insetos para um maior conforto e segurança durante as filmagens, preparação de todos os adereços e impressão das folhas de serviço e da planificação. Findas estas preparações, desloquei-me mais uma vez ao local onde teriam lugar as filmagens de forma a confirmar o tempo de lusco fusco para a gravação das cenas 6 e 7, sendo que as mesmas só se poderiam gravar num curto espaço de tempo antes do pôr-do-sol, chegando à conclusão que teria apenas luz entre as 19.30 e as 21h, aproximadamente.

Primeiro Dia de Gravações

As gravações começaram por volta das 10h30 de domingo. Na parte da manhã levou-se a cabo a gravação das cenas 4 e 5, cenas que teriam de ser gravadas de manhã com a presença das duas atrizes. Contudo, a cena 3 acabou por ser adiada para a manhã seguinte, uma vez que era apenas necessária a presença da atriz Cláudia Marques. Esta parte das gravações demorou um pouco mais do que o previsto e acabamos por sair para almoçar na minha residência às

14.30h, com meia hora de atraso. O almoço, arroz de pato, foi providenciado pela minha tia de forma a agilizar.

De regresso ao local das filmagens, às 15.30h, preparou-se a gravação da cena 8, no topo do monte, que teve assim lugar das 16h as 19h. Já estava a contar que esta cena demoraria mais tempo a ser filmada, uma vez que teria de ser utilizado o Gimbal e teria movimento. Posteriormente, descemos com o intuito de gravar as cenas 6 e 7. Foi gravada a cena 6, sendo necessário cortar planos devido à falta de tempo. A cena 7 teve de ser adiada para o dia seguinte, na minha residência, visto que a mesma tem lugar no interior da tenda.

As filmagens neste primeiro dia terminaram por volta das 22h. Regressamos à minha residência, onde se fez um breve balanço sobre o dia, realizaram-se gravações de segurança de vídeo e áudio e preparou-se o material para o dia seguinte. Ademais, é de salientar que foi necessário refazer o horário, acrescentando as devidas alterações, uma vez que para além dos atrasos, uma das atrizes teve uma alteração inesperada na sua agenda.

Segundo Dia de Gravações

No dia seguinte de manhã, acordamos e preparamo-nos. No entanto, antes de sair de casa com o fim de ir buscar a atriz Cláudia Marques, esta contactou-me a avisar que tivera um imprevisto e não poderia comparecer nessa manhã. Daí que neste segundo dia as gravações apenas se realizaram da parte da tarde e da noite. Aproveitou-se então esta manhã livre de gravações para descansar e rever os planos anteriores. Por volta das 14h desloquei-me de carro até à residência da Cláudia Marques de forma a levá-la até ao local das filmagens.

As gravações começaram às 15h no Monte de Santa Luzia. Começou-se por gravar a cena 1, na qual a Cláudia teve dificuldades em manusear o carro. Em consequência, foi preciso gravar mais takes dos que se estavam a contar, atrasando um pouco das filmagens.

Ao contrário do que a meteorologia tinha previsto neste dia o tempo estava mais frio e muito nublado, então optei por gravar a cena 2 também no monte de Santa Luzia tentando criar uma coesão com a minha narrativa, gravando os planos

em que a Rapariga está mais subjugada ou não presente nos momentos mais nublados e deixando os outros planos solarengos. Durante a gravação desta última cena apareceu um grupo de três pessoas que estavam a tirar fotos para um casamento. Apesar da interrupção inicial, dialogou-se com eles e conseguiu-se gravar sem mais interrupções.

Depois de terminadas estas gravações deslocamo-nos para a minha residência, pelas 18.30h. Montou-se a tenda no meu quarto e preparou-se a divisão para as gravações. Por conseguinte, começou-se a gravar a cena 7 (cena da tenda) desde a hora em que a atriz Carolina Sá chegou, pelas 19h, até às 21.30h. Apesar de algumas das cenas poderem ter ficado melhor, não houve a possibilidade de agendar mais gravações devido a incompatibilidades de horário entre os vários membros da equipa.

Visto que não foi possível ter uma equipa completa para me auxiliar nas gravações, vi-me obrigada a preencher vários papéis diferentes, tais como de anotadora e assistente de realização, tendo a minha atenção dividida entre distintas funções, o que não me permitiu focar-me a cem por cento no meu papel de realizadora. Consequentemente, houve certas nuances que se perderam, como por exemplo, a inclinação dos planos. Percebi, de forma clara, que neste tipo de projetos é extremamente importante ter uma equipa completa para que o trabalho se estruture da melhor maneira possível.

PÓS-PRODUÇÃO

Preparação

A primeira coisa a fazer foi organizar e agrupar o vídeo e o som por cena para facilitar a todos os passos posteriores, e fazer uma cópia de segurança de todos os ficheiros por uma questão de segurança.

Após ter tudo organizado comecei por fazer uma seleção dos *takes* que poderiam ser usados, verificando em todos eles o foco, o enquadramento e o som. Depois dessa primeira seleção foram sincronizados todos os sons do microfone independente com o vídeo e a partir daí foi feita uma segunda seleção obtendo assim o conjunto de planos que poderiam ser utilizados na montagem final.

Montagem

Foi a partir desta seleção que eu comecei a montar as cenas seguindo a sua ordem sequencial, cortando as partes excedentes dos *takes*. Nesta fase, após esta primeira montagem e relativa experimentação com diferentes transições, tomei a decisão de demarcar as mudanças entre cenas com três segundos de negro de forma abrupta, sendo a intenção estabelecer um paralelismo com a situação de Raquel e o objetivo dela com a sua "última viagem": o término abrupto da sua vida.

Essa primeira montagem foi enviada ao Professor e Coorientador Luís Vieira Campos. Tendo em conta o seu *feedback* prossegui para uma segunda montagem onde foram corrigidos erros de continuidade e de *raccord* e alguns dos *takes* foram substituídos por outros que permitiam uma melhor continuidade temporal.

Os planos que foram cortados por não haver tempo para a sua filmagem originaram nesta fase do projeto várias dificuldades. Algumas cenas tornaram-se

inevitavelmente mais curtas, não transmitindo a passagem de tempo que era desejada, sendo esta diferença notada principalmente na cena 6 em que foram cortados vários planos do interior da tenda. Noutros casos, por haver uma falta de planos de transição, tornaram-se mais notórias certas falhas de *raccord*.

Adicionalmente, por sermos uma equipa pequena, ocorreram algumas falhas que só foram notadas já após o desfecho das filmagens e que, visto ser impossível marcar novas filmagens, tiveram de ser contornadas através da montagem.

Tendo dado por terminado o processo de montagem, passei para a fase de correção de cor.

Correção de Cor

Primeiramente, a maior discrepância a enfrentar foi a drástica diferença entre os planos gravados durante o dia 19 de julho (primeiro dia de gravações) e os planos gravados no dia seguinte, visto ter havido uma mudança inesperada na condição atmosférica. O primeiro dia foi de sol muito forte, ficando subitamente nublado durante as gravações da cena 6, já ao final do dia. Em consequência, as primeiras gravações apresentam sombras carregadas e alguns dos planos encontravam-se ligeiramente sobre-expostos, enquanto as gravações restantes se caracterizam por uma luz mais difusa e suave sem sombras carregadas.

Apesar de me ter agradado mais o resultado das gravações do dia 20 de julho, precisamente por corresponder melhor à minha ideia original para a curta metragem, encontrei-me com duas luzes muito distintas entre cenas. Tornou-se então necessário um ajuste para equilibrar os níveis de cores, pretos e brancos, contraste e saturação de cada plano, conforme achei necessário. Com este processo procurei uma atmosfera mais fria e menos saturada de modo a equilibrar as cores entre cenas.

Tratamento do Som

Relativamente ao tratamento do som, foram necessárias múltiplas correções. Tendo em conta que as cenas, à exceção das cenas 1 e 7, foram todas gravadas no exterior, não foi com surpresa que me deparei com ruídos indesejados em algumas gravações. No entanto, no momento da gravação, foram tidos os cuidados para reduzir essas interferências, sendo então que na sua maioria essas interferências foram facilmente resolvidas.

Primeiramente, o som foi nivelado por toda a curta, sendo que alguns planos necessitaram de uma atenção especial, pois não foi possível posicionar o microfone à mesma distância das duas atrizes, tendo de ser feita uma nivelção dos diálogos dentro do próprio *take*.

Apesar dos cuidados, nos locais onde se gravou no Monte de São Silvestre, existia muito vento o que, juntamente com a folhagem seca das árvores, provocou ruído considerável em algumas gravações. Nesse caso, através da edição de som, foi reduzido o ruído e foram utilizados *room tones* para unir os diversos takes da mesma cena.

CONCLUSÃO

A realização do presente projeto permitiu-me, como seria de esperar, colocar em prática as numerosas competências alcançadas ao longo da parte curricular do Mestrado em Realização – Cinema e Televisão.

No que diz respeito à fase inicial de elaboração do guião, foi possível colocar em prática, mais uma vez, os conhecimentos adquiridos na unidade curricular de Práticas e Modelos do Argumento, nomeadamente os diversos formatos de narrativas, a estrutura e normas que um guião deve seguir, tendo sempre em conta que a elaboração do guião e a planificação são dois processos separados. Na parte das gravações, graças aos múltiplos conhecimentos adquiridos em restantes unidades curriculares, foi possível manusear devidamente o conjunto de equipamentos destinados às filmagens e gravação de som (tais como a câmara, luzes, microfones, refletores, gimbal) e ter uma melhor consciência da sua utilidade e respetivas limitações.

Relativamente ao fator humano, não menos importante, teve-se a oportunidade de gerir um conjunto de pessoas incumbidas das mais diversas atividades, desde a direção de imagem e som à assistência de realização. Este projeto demonstrou-me, em primeira mão, a extrema importância de uma equipa completa, o que, infelizmente não foi o caso, uma vez que não pude apenas assumir o papel de realizadora, mas também outros papéis, tais como anotadora e assistente, por uma falta de recursos humanos. Em consequência, por motivo desta sobrecarga, tornou-se mais complicado direcionar as atrizes, verificar com a devida atenção a execução dos planos, tendo passado despercebidos certos pormenores. Ademais, esta situação também acabou por atrasar as gravações, não se podendo evitar a eliminação de planos contidos na planificação.

Não obstante o anteriormente descrito, consegui perceber que a presença de uma equipa assídua e comprometida foi essencial para colmatar, até certo ponto, estas lacunas. Felizmente, apesar do inconveniente de falta de pessoal, a equipa cumpriu com os seus compromissos e teve uma prestação, regra geral, positiva. Embora a falta de orçamento tenha criado as suas inevitáveis limitações, este projeto provou que é possível trabalhar-se com uma equipa competente, desde que exista um compromisso por parte dos vários membros e os mesmos sintam que está a existir uma gestão competente das tarefas. Finalmente, as várias provações

que tive de enfrentar ensinaram-me que é necessária uma flexibilidade de adaptação às circunstâncias e efetuar, com o devido pragmatismo, as modificações necessárias para se dar seguimento ao projeto, mesmo que não se tenham verificado todas as condições esperadas. Considero que este foi um teste de resiliência que me vai permitir realizar futuros projetos com mais confiança.

BIBLIOGRAFIA

José Vasconcelos-Raposo *et alli*, 2016 – “Níveis de ideação suicida em jovens adultos” *Estudos de Psicologia*, vol. 33, nº2, abril-junho

José Gouveia, Helena Nogueira, 2017 – “O suicídio em Portugal: ocorrências no domínio público marítimo” *Cadernos de Geografia*, nº36, dezembro

World Health Organization, 2014 – *Preventing Suicide: a global imperative*.

Pascal Bruckner, Steven Rendall, 2012 – *The tyranny of guilt: an essay on Western masochism*. Princeton: Princeton University Press

Pascal Bruckner, 2011 – *Perpetual euphoria: on the duty to be happy*. Princeton: Princeton University Press

Jack D. Douglas, 1967 – *The social meanings of suicide*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press

Matt Wray *et alli*, 2011 – “The Sociology of Suicide” *Annual Review of Sociology*, vol. 37, nº1, agosto

Tad Friend, 2003 – “Jumpers: The fatal grandeur of the Golden Gate Bridge” *The New Yorker*, outubro

ANEXO 1 – Guião

Já que vou e vou

Ana Teresa Freitas Santos n.7315

Trabalho de Projeto

ESAP - Escola Superior
Artística do Porto

1 INT - CARRO - MANHÃ

Vemos RAQUEL no carro, a conduzir, a sua câmara fotográfica pousada no lugar do passageiro.

O carro pára. Raquel puxa o travão de mão, pega na câmara e sai do carro.

2 EXT - ESTRADA DE TERRA - MONTE - CONTÍNUO

Abre a mala do carro e debruça-se para dentro, a câmara pendurada a tiracolo. Pega numa mochila, num saco cama e num tripé que pendura no ombro direito. Fecha a mala e ouve-se o som das portas a trancar. Na chapeleira da mala vemos um papel com coordenadas escritas.

A Raquel afasta-se de costas para o carro pelo caminho acima.

3 EXT - MONTE 1 - CONTÍNUO

Raquel monta calmamente o tripé, monta a câmara nele. Mexe na câmara uns segundos e carrega no botão de captura, afasta-se um pouco e senta-se encostada a uma árvore pousando a mochila e o saco cama ao seu lado. Tira um caderno que diz na primeira página "Para quem tiver interesse" e uma caneta da mochila. Abre o caderno na primeira página vazia e começa a escrever, "Dia X - Timelapse - duração: 1h ...". Vemos a distância entre ela e o tripé.

4 EXT- MONTE 2 - MEIO-DIA

Raquel tira uma fotografia.

RAPARIGA
(alegremente, off)
Posso ver como ficou?

A RAPARIGA espreita por cima do ombro de Raquel que olha para trás um tanto surpreendida.

RAQUEL
(reticente)
Sim...

Raquel vai à galeria da máquina fotográfica e inclina a câmara para a Rapariga conseguir ver a fotografia mais confortavelmente.

RAPARIGA
(sarcástica)

Ah... Realmente... está. A foto está muito...

Raquel fica confusa e desagradada com o comentário da Rapariga. Vira costas à Rapariga e vai pegar nas suas coisas (saco cama e mochila) que estão pousadas nas raízes de uma árvore.

RAPARIGA
(sorridente)
Não levaste o comentário a mal pois não?

Raquel ignora e começa a afastar-se.

RAPARIGA
(em tom de gozo)
Uhhhh alguém não sabe aguentar uma crítica..

RAQUEL
(murmura com repulsa)
Aquilo não foi uma crítica.

RAPARIGA
(com um sorriso mordaz)
Ai também que amuadinha...

Raquel continua o seu caminho deixando a Rapariga para trás.

5 EXT - MONTE 3 - TARDE

Raquel está sentada numa pedra enquanto come uma sandes. Olha para o horizonte perdida em pensamento.

A Rapariga aproxima-se e senta-se a seu lado. Abre uma marmita no seu colo recheada de arroz e carne salteada com legumes. A comida tem bom aspeto e está cuidadosamente "empratada". Olha para a sandes que a Raquel come e fica com ar de pena.

RAPARIGA
Queres provar um bocadinho?

Raquel suspira fundo e olha para o lado.

RAQUEL
(seca)
Não obrigada.

RAPARIGA
De certeza? Olha que está muito bom.
Sabes... adoro cozinhar.

RAQUEL
Tanto monte e tinhas de te vir sentar aqui.

RAPARIGA
(repreende calmamente)
Também não há necessidade de ser desagradável.

RAQUEL
Irónico vindo de ti.

RAPARIGA
Não sei de onde vem isso. Estava só a oferecer-te um bocadinho para provar.

RAQUEL
Olha... Não me leves a mal mas eu vim para aqui para estar sozinha... Tirar umas fotografias. Uma última viagem.

RAPARIGA
Estás a ser um bocado antisocial... Porque não podemos fazer o resto do percurso as duas?

RAQUEL
Porque eu não te quero aqui.

Faz-se silêncio por uns segundos. As duas olham-se nos olhos. Raquel apresenta uma expressão dura e a Rapariga parece magoada.

RAPARIGA
Bem... lamento dizer-te mas vais ter de aguentar comigo.
(sarcástica mas triste)
Desculpa se a minha companhia é assim tão insuportável.

Terminam as suas respetivas refeições em silêncio.

Raquel guarda o guardanapo sujo no bolso exterior da mochila e pega nas suas coisas (mochila, saco-cama, tripé, câmara) e prossegue caminho. A Rapariga põe-se a pé e segue-a.

6 EXT - MONTE 4 - FINAL DA TARDE

Numa zona com terra plana e mais espaço aberto, Raquel monta a tenda. Guarda a mochila e estende o saco cama aberto dentro da tenda. De dentro da mochila tira uma camisola grossa e veste-a.

A uns metros de distância a Rapariga olha para ela de pé.

RAQUEL
 (impaciente)
 O que foi agora? Também montei mal a
 tenda?

A Rapariga não responde. Raquel senta-se à entrada da tenda a
 estudá-la por uns momentos.

RAQUEL
 (tom mais suave)
 Não tens frio com essa roupa?

A Rapariga encolhe os ombros.

RAQUEL
 (frustrada)
 É assim tão divertido arreliar-me? Vai-
 te embora. Já está na hora de ires
 para casa.

A Rapariga abana a cabeça a dizer que não.

RAQUEL
 Bem, boa noite então.

Raquel fecha o fecho da tenda. A Rapariga mantém-se de pé. A
 única luz, abafada, provindo de dentro tenda.

7 INT - TENDA - NOITE

Dentro da tenda Raquel arruma os seus pertences a um canto e
 enfia-se dentro do saco cama. Prepara-se para deitar mas
 hesita, fica à escuta uns segundos. Não ouve nada. Abre um
 pouco do fecho, o suficiente para espreitar lá para fora e vê
 a Rapariga, ainda de pé a olhar para ela. Raquel suspira.

RAQUEL
 (resignada)
 Anda lá, entra.

A Rapariga esboça um sorriso tímido e saltita até à tenda
 enquanto Raquel abre o fecho.

A Rapariga entra cuidadosamente.

RAQUEL
 Deixo-te dormir aqui mas não tenho
 mais nenhum saco cama... nem camisola.
 E dormes aí no cantinho.

RAPARIGA
 Ok.

RAQUEL
(suavemente)
O que estás aqui a fazer no monte?

A Rapariga não reage.

RAQUEL
Não tens para onde ir?

A Rapariga olha para ela timidamente e abana a cabeça negativamente.

RAQUEL
E vens para o meio do monte? De certeza que encontrarias um sítio melhor na cidade. Alguém que te ajudasse.

RAPARIGA
Tu estás a ajudar.

Raquel é apanhada de surpresa e fica atrapalhada.

RAQUEL
Como assim? Não. Amanhã de manhã eu sigo o meu caminho e tu segues o teu. Monte abaixo de preferência.

RAPARIGA
(firmemente)
Eu não vou embora. Por mais que tentes eu não vou embora.

RAQUEL
Eu não entendo. Porque é que estás aqui e para onde é que vais? Estás no meio do monte à noite, sozinha... Com que propósito?

RAPARIGA
(com urgência na voz)
Isso pergunto eu.

A rapariga olha fixamente para Raquel, parece preocupada. Raquel olha para ela baralhada, vira-se, deita-se e apaga a luz.

8 EXT - MONTE 5 - MANHÃ

Raquel sobe o monte com as coisas às costas. A Rapariga vai atrás.

RAPARIGA
Onde é que vamos agora?

RAQUEL
EU vou chegar ao topo.

RAPARIGA
Estás mesmo decidida...

RAQUEL
É o meu sítio preferido. O mais bonito. É o ideal.

Faz-se silêncio. Continuam a andar.

A Rapariga pára onde as árvores terminam. Raquel continua a andar em frente.

RAPARIGA
(grita de longe)
O que é que vais fazer?

RAQUEL
(grita-lhe de volta sem olhar para trás)
Não sei!


Vemos por entre as árvores a Raquel a afastar-se, mochila às costas, saco-cama ao ombro, câmara na mão. Mais de perto vemos escrito num papel, preso à mochila com um alfinete.

"ESTA MOCHILA PERTENCE A:RAQUEL SILVA PEREIRA POR FAVOR
CONTACTAR:MARIA DIAS DA SILVA 962 XXX XXX"

Raquel chega ao topo do monte e olha para o horizonte. A Rapariga olha para ela à distância. Raquel pousa os seus pertences num cantinho aconchegado, afasta-se para a berma.

Vemos o olhar da Raquel a passear pelo cenário. Respira fundo e suspira um pequeno sorriso de olhos fechados.

ANEXO 2 – Folha de Serviço do dia 1

 esap <small>escola superior artística do porto</small>	Já que vou e vou FOLHA DE SERVIÇO Nº 01
	DIA: DOMINGO 19 de Julho de 2020

Dia de Rodagem nº 1

Horário: 10.30h – 22.40h [Almoço: 14h – 15h30 -> Arroz de Pato]

Ponto de Encontro: Rua Cruz Cerqueira nº 119, 4900-676 Viana do Castelo

Telefone da Produção: 96 829 10 95

Local de Rodagem: Monte de São Silvestre, Cardielos

Realizador	Assistente Realização	Diretor Fotografia	Assistente	Som	Anotador	Atriz Raquel	Atriz Rapariga
X	X	X	X	X	X	X	X


Câmara Sony Alpha 7ii	Mala Lentes	2 Baterias	2 Cartões de Memória	Mala Som e Peres	Pilhas	Refletores	Gimbal	Tenda	Papel Coordenadas	Caderno e Caneta	X

Décors		Cenas
Local da Timelapse		3
Local onde aparece a Rapariga		4
Local do Almoço		5
Local da Tenda		6 e 7
Topo		8

HORA	ENTRADA	ACTIVIDADE
9h30	Ana	Ir buscar a Cláudia
10h00	Todos	Sair para o local
10h20	Todos	Chegada ao local
10h30	Todos	Começar Gravações
10h35	Todos	Plano 6, 7, 8 e 9 [cena 3]
11h15	Todos	Plano 10, 11, 12 e 13 [cena 4]
12h00	Todos	Plano 14, 14.P, 15, 16 e 17 [metade cena 5]
12h50	Todos	Plano 18, 19, 20 e 21 [cena 5]
13h45	Todos	Arrumar material
14h00	Todos	Sair para o ALMOÇO
15h15	Todos	Sair para o local
15h30	Todos	Chegada ao local e preparação para os planos gravados no TOPO

15h45	Todos	Preparação para os planos gravados no topo
16h00	Todos	Planos 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40 [cena 8]
17h50	Pai	Montar tenda
18h00	Todos	Planos 28, 29, 30, 31, 32 e 33 [cena 6 e 7]
19h50	Todos	Planos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31 [cenas 6 e 7]
21h30	Todos	Arrumar material
21h45	Todos	Fim das gravações

ANEXO 3 – Folha de Serviço do dia 2

 esap escola superior artística do porto	Já que vou e vou FOLHA DE SERVIÇO Nº 01
DIA: DOMINGO 19 de Julho de 2020	

Dia de Rodagem nº 2

Horário: 10.30h – 22.40h [Almoço: 14h – 15h30 -> Arroz de Pato]

Ponto de Encontro: Rua Cruz Cerqueira nº 119, 4900-676 Viana do Castelo

Telefone da Produção: 96 829 10 95

Local de Rodagem: Monte de Santa Luzia e Rua Cruz Cerqueira, Viana do Castelo

Realizador	Assistente Realização	Diretor Fotografia	Assistente	Som	Anotador	Atriz Raquel	Atriz Rapariga
X	X	X	X	X	X	X	X

Câmara Sony Alpha 7ii	Mala Lentes	2 Baterias	2 Cartões de Memória	Mala Som e Peres	Pilhas	Refletores	Gimbal	Tenda	Papel Coordenadas	Caderno e Caneta	X

Décors		Cenas
Estrada		1 e 2
Local Timelapse		3
Quarto		6 e 7

HORA	ENTRADA	ACTIVIDADE
14h00	Ana	Ir buscar a Cláudia
14h30	Todos, menos Rapariga	Sair para o local
15h00		Chegada ao local
15h00		Começar Gravações
15h10		Plano 1, 2, 3, 4 e 5 [cena 1 e cena 2]
17h00		Plano 6, 7, 8 e 9 [cena 3]
18h00		Arrumar material
18h30		Chegado ao segundo local (Rua Cruz Cerqueira)
18h40		Montar tenda e preparar local para as filmagens
19h00		Planos restantes das cenas 6 e 7
21h30		Arrumar material
21h45		Fim das gravações

ANEXO 4 – Cartaz



Já que Vou e Vou

- filme de -
Ana Teresa Santos

- diretor de imagem -
Hernâni dos Santos



- diretor de som -
Francisco Carvalho